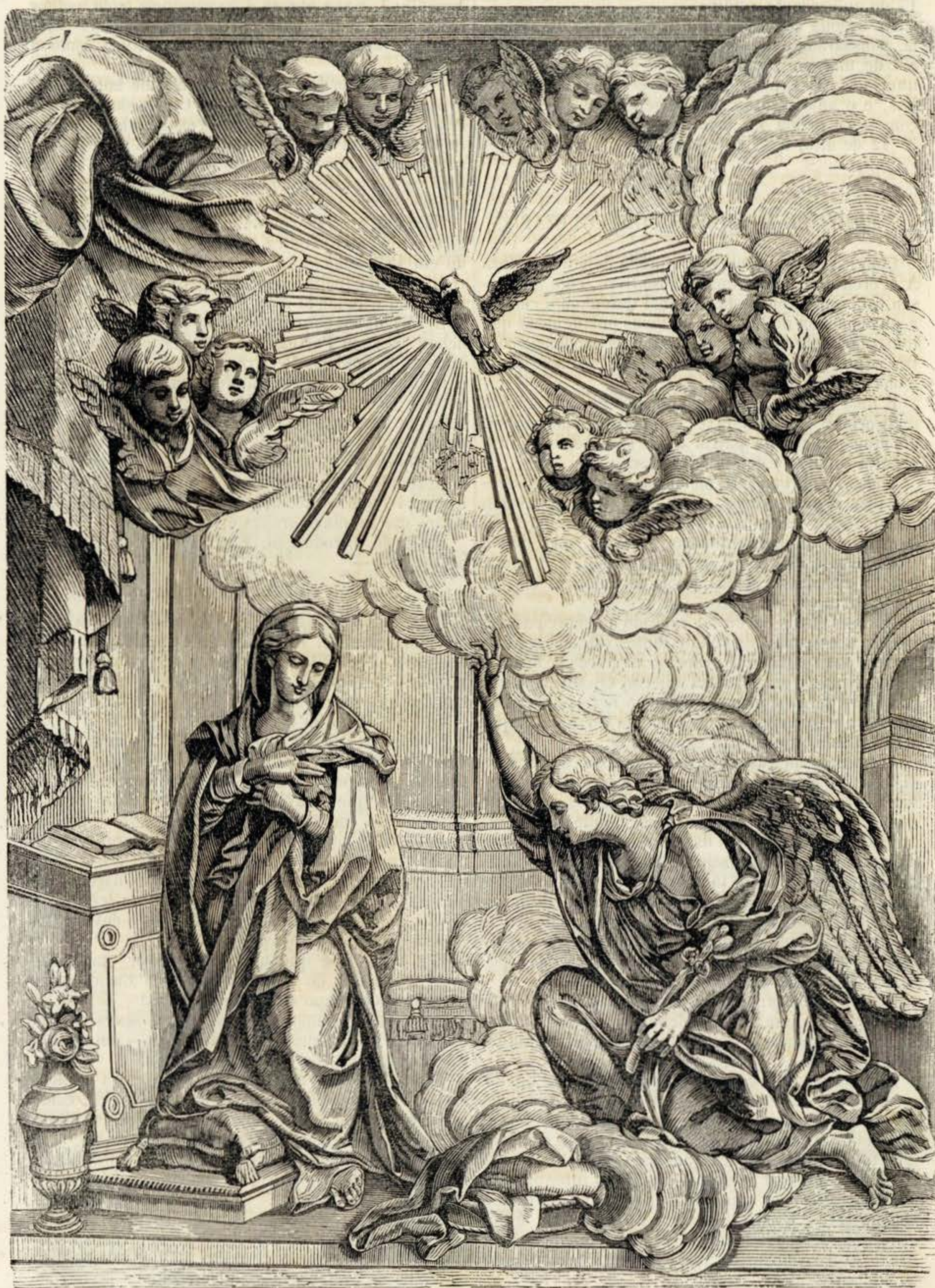
A ANNUNCIAÇÃO



Baixo relêvo da basilica de Mafra — Desenho de Bordallo — Gravura de Coelho

BAIXO RELÊVO DE MAFRA

Pertence este baixo relêvo á eschola portugueza de esculptura fundada em Mafra por Alexandre Justi, estatuario italiano, da qual já démos noticia a pag. 17 do antecedente volume.

Na capella collateral que fica da parte da Epistola, consagrada á Conceição de Maria, está este painel de marmore, representando o mysterio da Annunciação. O Espirito Santo desce rodeado de serafins, e o anjo Gabriel prostra-se diante da Senhora com uma palma na mão. Tem este baixo relêvo $3^{m},12$ de alto, e $2^{m},2$ de largo.

BRIOS DE MULHERES PORTUGUEZAS

Com este titulo escreveu o nosso amigo e collega A. Pereira da Cunha um mimoso livro, cuja impressão está quasi concluida, no qual desenhou e coloriu a physionomia de todas as heroinas portuguezas que tomaram parte nas lides da nossa independencia contra a pretenções de Castella, desde a fundação da monarchia.

É uma formosa galeria de donas e donzellas, cada qual celebre ou memoravel por mais de uma acção, em que o amor da patria e dos seus sobrepujou a natural timidez e debilidade do sexo.

Todas as chronicas e memorias antigas foram revolvidas e pesquizadas, para d'ellas desencravar o nosso auctor estas joias que tanto luziram outr'ora na aureola da independencia nacional, mas que a diuturnidade do tempo havia soterrado, e a pouca leitura dos nossos fastos tinha deixado cair em reprehensivel esquecimento.

Muitas fadigas deveu ter causado ao consciencioso auctor o empenho de reunir tantos fragmentos dispersos, para compor ao espelho da verdade historica as figuras d'esta famosa galeria, tão diversas nas condições sociaes, nas epochas, na heroicidade, nos affectos; e só parecidas no amor da terra natal que a todas animou e influiu egualmente.

Á amizade do auctor devemos o gosto de ter lido já todas as biographias que entram no primeiro volume, proximo a sair do prelo, e podêmos assegurar que é trabalho de consciencia escrupulosa, de mui atilado e assiduo estudo das nossas chronicas; e que embora o espirito de nacionalidade, e o intuito antiiberico o guiassem em tão porfiada investigação, nenhuma d'estas nobilissimas paixões o cegaram a ponto de alterar a historia antiga ou a tradição immemorial. Quem duvidar póde conferir as copias com os originaes, que ha de gabar comnosco a pericia e fidelidade do pintor.

E para amostra, apresentaremos hoje um retrato que o publico tem já visto debuxado na tela da historia, do romance e do theatro — o de D. Philippa de Vilhena.

Permittiu-nos a amigavel benevolencia do auctor escolher da sua copiosa galeria o quadro que mais nos agradasse, para adornar as columnas do *Archivo*, onde outros muitos de mão e assumpto nacional tem tido honroso logar. Podiamos, com tão ampla faculdade, preferir algum dos que são inteiramente novos, e acaso de superior estilo, de mais vivas e alegres côres. Mas este, para a confrontação, é decisivo; e além d'isso tem mais opportunidade pelo *fundo negro* sobre que resáe a figura homerica de D. Philippa.

Além do estudo historico, prima tambem o livro do sr. Pereira da Cunha pela fluencia e vernaculidade da linguagem, pelo estilo que lhe é proprio, e que principalmente no dialogo pleiteia com o de Garrett, merito este que o grande poeta notava não sem vaidade.

Este é o caracteristico de A. Pereira da Cunha em todos os seus trabalhos litterarios. No romance, no theatro, na imprensa periodica, na tribuna parlamentar [1], a sua phrase é da provincia onde melhor se conserva a boa falla portugueza, realçada pelas galas de um estilo mavioso e sympathico como a sua voz.

Portuguez de lei, e estremecendo de horror com a palavra iberismo, Pereira da Cunha deu-se á escripta do livro que intitulou: *Brios de mulheres portuguezas*, para incitar os animos contra a união iberica, tarefa honrosa, de cujo desempenho ha de colher os applausos de todos os amigos da independencia da sua patria.

Fôra elle o primeiro que levantára um brado energico e eloquente contra a *Iberia*, opusculo publicado em 1853, dando á luz o primeiro volume de uma refutação d'aquelle opusculo, a que poz por titulo um sêcco e redondo *Não*. [2]

A *Iberia*, embora distribuida com profusão, não achou echo em Portugal; caiu no esquecimento, sumiu-se. E tambem Pereira e Cunha não continuou a refutação, porque a indifferença publica desconcertára os arautos da *união*. Agora que alguns discolos da imprensa hespanhola tornaram a levantar a *antiphona*, que para nós é o *de profundis*, julgou elle opportuno recordar exemplos antigos de valor, de lealdade e de patriotismo, não já de homens, que esses não tem conto, mas de mulheres portuguezas rivaes das heroinas gregas e romanas.

Basta de introducção. Entre agora com o devido acatamento —

D. PHILIPPA DE VILHENA

Para que o milagre se revestisse de uma evidencia mais gloriosa, e fosse mais amarga a provação de quem o sollicitava, no ardor da sua esperança, não saiu Lazaro da sepultura senão quando o seu cadaver já começava a estar fétido.

Com Portugal foi o mesmo.

Embora os desgraçados de seus filhos se debulhavam em lagrimas, como as irmãs do morto de Bethania. A experiencia era precisa para roborar a crença dos que houvessem, no futuro, de sentil-a desmaiar. A impossibilidade do successo devia ser bem patente, para se medir por ella a grandeza do poder, que, de um sopro, a destruiu; e o Senhor que *resuscita* e *aviventa*, não menos as nações que os individuos, só quiz dizer o — *levanta-te!* a este povo humilhado, depois que os vermes o devoravam no seu sudario de abjecção.

E a verdade é que não podia haver um jazigo mais mephitico do que esse que em Castella nos cavaram por tempo de sessenta annos!

De quanto foramos, já não restava senão aquillo que resta das maiores coisas humanas — um epithaphio pomposo, e por baixo d'elle...pó!

Tudo o que em nós revelava o vigor e a opulencia, foi murchando e caindo, pouco a pouco, como as folhas de um arbusto luxuriante de seiva, quando a enxada do labrego lhe retalhou as raizes.

Extincta a independencia, suffocada a liberdade, desvanecido o prestigio que nos fizera poderosos e respeitaveis no mundo... a que nos viamos nós condemnados, sem remedio? Ao mais insupportavel dos supplicios, a assistir, maniatados, á depredação continua do que tinhamos de nosso, do que nos custára o sangue de tantos irmãos intrépidos.

[1] É actualmente redactor da *Nação*, e deputado pelo circulo de Vianna.

[2] *Não. Resposta nacional ás pretenções ibericas*. Porto, 1857. Cujo producto foi cedido a favor do asylo da infancia desvalida da cidade de Vianna.

De Malabar a Malaca, da Bahia a Seregipe, de Arguim a Cabo-Verde, o nosso vasto imperio ultramarino estremecia, gretava-se, alluia-se!

Na Asia, na America e na Africa, a ruina era completa.

As ambições da Inglaterra, as represalias da Hollanda, o odio dos xingalas e dos regulos da India, acharam um ensejo apropriado para se desenvolverem contra a rival que fizera tamanha sombra ás nações; e as bofetadas mais rudes vinham estalar-nos na face!

Chegou a tanto, que os aggressores não só se admiravam, condoiam-se da nossa resignação.

Citaremos um exemplo.

Cercando Pedro Bleus e Visarcaden, pela segunda vez, a Moçambique, que Jeronymo Athaide defendia, de um modo que recordava os nossos feitos passados, buscaram elles fallar-lhe, os dois cabos hollandezes, e, ao vel-o á frente da gente que não podiam vencer, exclamaram commovidos:

— Ah! briosos portuguezes! quem diria a vossos paes o estado a que descerieis, que é, com effeito, um milagre conservardes ainda tanto! Lembrae-vos do que já fostes. Acordae d'esse lethargo. Deixae a quem vos perdeu. E sejamos amigos, como d'antes.

Mas o que é que podia Portugal? onde estava a sua força?

A nossa brilhante armada — tanto navio alteroso, tantos mil caravellões com que varremos os mares e démos leis ao commercio — ou era dizimada, em cada anno, pelo furor das borrascas, pois iam sempre fóra de monção as naus mandadas á India, ou servia o rei de Hespanha sem receber recompensa, entretanto que os vasos castelhanos, que apodreciam no Tejo a maior parte do tempo, se alguma rara vez nos soccorriam, era a peso de dinheiro.

As capitanias-móres da repartição naval foram deitadas abaixo. E, para que o exercito de terra curtisse egual vilipendio, mandou-se que as nossas armas ficassem subordinadas aos generaes de Castella, e até aos seus almirantes!

Exigiam-nos levas de mancebos que iam cair, trucidados, aos descampados de França e aos valles do Milanez. Isto, quando os nossos fortes só eram presidiados por guarnições estrangeiras!

Nem escapou tambem a artilheria, que ainda aqui se conservava; e, a titulo de emprestimo, levaram-n'a para os castellos de Hespanha, sendo que, só em Sevilha, houve quem visse, uma vez, novecentas peças nossas!

O governo de Madrid fazia, como os padrastos, em todo o rigor do adagio.

Não lhe importava perder uma parte consideravel do que lhe tinha advindo por cabeça d'este reino, que conseguira *annexar*, uma vez que com isso o extenuasse.

Quando houvessemos chegado ao extremo da fraqueza, é claro que não teriamos, nem saudades do passado, nem sonhos de liberdade.

Tal era a theoria que, na *villa coronada*, se havia a nosso respeito adoptado, como regra, e que ainda agora parece ter apostolos ardentes.

Só assim se explica a incuria com que se olhou, de continuo, pelo que nos pertencia, e, muito principalmente, a escandalosa excepção posta na celebre tregoa de 1610 com os estados geraes, em manifesta ruina das possessões, que ainda tinhamos ao sul da equinoccial, e o privilegio, outorgado aos mareantes flamengos, para entrarem livremente nos portos de Portugal.

E tambem se póde assim justificar o total quebrantamento das ostentosas promessas que Philippe II nos fizera, quando andava a requestar-nos.

Pois quantas nos cumpriram, que se saiba?

O que nos deram por ellas foi o vexame e... o escarneo.

As tenças não eram pagas a quem estavam garantidas; e cidadãos prestantissimos, cobertos de serviços e de cans, e alguns de cicatrizes, mendigavam ás portas do erario que tinham ajudado a abastecer, e, por unica resposta, lhes diziam que esperassem.

A abolição do direito dos portos seccos ficou, unicamente, no papel, do mesmo modo que ficaria o famoso *zolwerin*, com que tanto se argumenta.

A côr da nossa bandeira, até então sempre *pura*, mereceu um respeito egual ao que se mostrou ter pelo idioma, que, fallado em todo o mundo, era proscripto entre nós, nos actos officiaes!

O conselho portuguez, que devia assistir, sempre, ao lado do rei iberico, para informal-o nos pontos que podessem interessar-nos, foi, por mero arbitrio, alterado, e pisada, assim, aos pés, uma das mais graves clausulas das cortes de Thomar.

Por um não menor abuso, transferiu-se para a Hespanha a séde dos tribunaes; e, ao passo que os juizes portuguezes não podiam dar sentença em pleitos de castelhanos, eram, pela maior parte, julgadas as nossas causas por magistrados de lá.

Julgadas... nome de Deus! Onde é que estava a justiça n'esse periodo de oprobrio?

A béca fez-se libré! Poz-se ao serviço dos Cressos, que lançavam na balança, não a espada, como Brenno, mas o oiro de seus cofres, e obrigavam-n'a a pender. O que mais dava, vencia.

E não se limitava só ao fôro este commercio immoral. Tudo andava em almoeda. Era um leilão permanente.

A escoria da villanagem deitava brazões heraldicos, se tinha com que os comprar. Vinham até forasteiros á feira das nossas graças; e a tão vil preço chegaram as distincções honorificas, que era uma gloria engeital-as.

Nos logares ecclesiasticos fazia-se egual ganancia. Padre que fosse devasso, d'aquelles de que fallava frei Bernardo d'Alcobaça, tinha certa a preferencia.

E porque os bons se negavam a tornar-se simoniacos, e não abriam a bolça... punham-n'os sempre de parte. Não os queriam para nada.

Na vasta Barataria a que ficou reduzido Portugal, só havia uma offerenda — era o dinheiro, e um altar — o de Mamona!

Nada bastava á cobiça dos bonzos occidentaes. Tudo lhes parecia pouco.

Desviou-se da sua applicação, tanto a renda da ilha da Madeira, destinada ao costeio da marinha, como o fundo das terças dos concelhos que devia dispender-se em reparar as nossas fortalezas. Comeu-se parte dos redditos da bulla da cruzada, e o mais que se ia apurando para remir os captivos. Varreu-se quanto se achou. E em quanto se estragava, sem medida, exercendo o nepotismo, e creando *sinecuras*, entre as quaes se cita o posto de *general das galés*, exigia-se á nação o sacrificio supremo — o sangue das suas veias, a medulla dos seus ossos!

Sem fallar de emprestimos forçados, chuviam os tributos sem cessar.

Era o sêllo do papel; a sisa paga a dobrar; o real d'agua geral; o imposto do bagaço; a contribuição do sal; a finta sobre o pescado...

«Os gastos, diz um auctor, cresciam á medida do appetite; e á medida dos gastos, a extorsão, não havendo mais favores e mais mercês que para os que intentavam novas traças de tirar dinheiro ao povo.»

E o povo regava a terra com o seu suor de agonia. Os saiões estendiam-n'o no potro; e o estipendio que ganhavam, em paga d'esse serviço, augmentava na razão da crueza do supplicio!

Quem poderia ver isto?

Acceso em fogo apostolico e indignação patriotica, o arcipreste de Lisboa, Antonio de Carvalho de Parada, dirigiu-se ao conde duque, *fidus Achates* do rei, e ousou escrever-lhe uma carta em que se expressava assim:

«Para os vassallos darem a camisa, esperam que Sua Magestade dê a capa; e para soffrerem com paciencia tirarem o pão da bocca, fôra consolação verem que se corta pelo superfluo da casa real, e que as ajudas de custo e mercês dos que merecem pouco, ou nada, se apertam pela medida do tempo.»

Porém, uma linguagem tão leal, tão cheia de verdade e independencia, e como agora já se não ouve, onde os pastores — ainda mal — *condescendem* com os lobos que lhes comem as ovelhas, e dão a Cesar mais do que lhe devem, não corrigiu o ministro, nem corrigiu o rei.

Philippe IV queria protestar contra o celebre pasquim que pozeram a seu pae, quando elle veiu a Lisboa, mesmo á porta do paço:

Não é fartura nem fome;
É uma coisa que come;

e provar á evidencia que, se saía á casta d'onde vinha, na *potencia gastronomica*, podia *esfomear-nos* de justiça, e *fartar-nos* de oppressão.

Ainda mais. Ao notar-se que impetrára, com premissas fraudulentas, um breve do Vaticano para sujeitar a egreja ao pesado subsidio de duzentos mil cruzados, e a mesadas successivas; e que desde os prelados dos mosteiros até ao padre de *requiem* que não apurava mais que o meio tostão da missa, tudo tinha de pagar a denominada *taxa*, com grande gravame seu, e maior dor dos fieis, além d'isso, attribulados, por causa de certas duvidas com o collector de Roma, de que já resultavam interdictos, podia-se dizer que el-rei *catholico* escolhia para alvo dos seus odios a classe sacerdotal, de cujo seio se erguêra aquelle brado eloquente, se as outras não se estorcessem sob uma egual compressão.

— O que faremos nós dos portuguezes? perguntava elle um dia, ao seu valido, nos paços do Escurial.

Olivares respondeu cynicamente:

— Senhor, deixe isso por minha conta, que eu protesto *dal-a d'elles*.

E se bem o affirmou, melhor o fez.

Treme o pulso a quem somma as crueldades que experimentou Portugal no seu longo paroxismo!

Contra as capitulações que tinham sido juradas, deu-se a regencia do reino a uma duqueza estrangeira, que a não podia exercer.

Cercaram-n'a de um corpo de hespanhoes, que nem propunham, nem decidiam, senão o que em Madrid se assentava.

O director d'essa maquina, o canal por onde vinham as instrucções superiores, era o bem conhecido secretario.

Quem ha que ignore o caracter de Miguel de Vasconcellos?

Irascivel, perverso, vingativo, soberbo com seus eguaes, feroz com os inferiores, este energumeno iberico timbrava em ser o flagello da patria que desprezára.

Quanto lhe fosse indicado no sentido de a affligir, perfilhava-o com ardor, levava-o á equação dos seus instinctos de tigre.

E nunca achava de mais, sempre tinha de pôr de sua casa.

O officio que exercia obteve-o por empenhos de Diogo Soares, seu cunhado, que occupava um identico na corte, junto ao conselho, que, por motejo, era ainda chamado portuguez; e Diogo Soares, que na maldade, no impudor da apostasia, e na torpeza dos meios de que se prevalecia, quando o não excedesse, o egualava, ainda o fazia peior por sempre estar a acirral-o.

Ha cartas d'elle asquerosas, e que se não podem ler sem que se fique indignado.

Afóra o que, mais tarde, se lhe achou no escriptorio de um seu contraparente que estava empregado em Braga, basta saber-se que um dia, escrevendo a Vasconcellos lhe dizia, a respeito de uns fidalgos que não queriam submetter-se aos caprichos do governo: *a esses é enganal-os, e infamar-lhes as parentas*.

D'aqui não póde passar-se. N'estas palavras resume-se o mais doloroso epilogo da humilhação nacional.

Ou Portugal morrêra, com effeito, e, abandonado do alto, já não era senão cinza, ou tão insolita injuria havia de fazel-o levantar, mesmo envolto na mortalha.

A questão era de tempo. E não se gastou muito em resolvel-a.

Poz Deus os olhos na campa em que nos tinham mettido, cingidos de pés e mãos, e a pedra que a sellava deu de si.

O corpo, immovel, chagado, começou a estremecer... Foi ensaiando os seus musculos... e tentou balbuciar um preludio de queixume.

E, pois, com flagrante quebra de outra clausula sagrada da nossa encorporação, não se deixava haver cortes em que a nossa desgraça se allegasse, este povo generoso, que *sempre* zelou mais do que nenhum, o direito da tribuna, a que foi o *primeiro* que subiu, e d'onde, embora o contestem os fatuos implantadores do parlamento moderno, se dizia o *se não, não*, ao rei que postergava os nossos fóros, exhalou um gemido impaciente, que tinha o que quer que fosse de commum com o mugir da cratéra quando está em combustão.

O rei devia ouvil-o... Não o ouviu. Ou, se o ouviu, desprezou-o.

Suppoz — talvez lh'o dissessem — que não podia haver tumulto algum que não se dissipasse, como os de Evora, diante de um cutello e de uma corda.

Triste cegueira de espirito! Mas não era chegada a sua hora? *Quos Deus vult perdere prius dementat.*

Por mostrar que não se receava, ou para atalhar o perigo, se era certo elle existir, pensou Diogo Soares que cumpria, antes de tudo, proceder á dispersão dos que o podiam causar; e lembrou ao conde-duque que na leva que tinha de enviar-se á Catalunha, incluisse os fidalgos portuguezes que estavam nos seus solares.

A idéa foi luminosa. Olivares adoptou-a; e o decreto appareceu.

Restava agora saber-se se elle sería cumprido.

A nobreza sentiu-se do acinte. Pensou na decadencia a que chegára; e concentrando os seus brios para um esforço supremo, quiz tomar o seu logar: resolveu-se a reagir.

Dado, porém, esse passo, não se podia parar. Era preciso seguir. Depois da resistencia, a iniciativa. A bocca a dizer o *não*, e a mão a empunhar a espada.

E assim foi.

Começaram-se a indicar varios arbitrios, e mesmo a forjarem-se planos que se communicavam em segredo. O que faltava era um centro que os trouxesse á unidade, e lhes gravasse um cunho de vigor e um caracter de justiça.

E que outro centro podia haver, que não fosse esse principio que tem resgatado os povos das mais crueis tyrannias, e que no dia da angustia lhes vem surgir, como um iris, e annunciar-lhes a paz?

Quem o symbolisava, em Portugal, era o duque

de Bragança. N'este principe, pois, se fixavam as vistas de toda a gente.

E prestar-se-hia elle a tal empreza?

Eis a duvida maior. *That is the question.*

— Va-se-lhe logo fallar, era a opinião de alguns, participe-se-lhe o caso; mostre-se-lhe a obrigação em que está para comnosco, desde o instante em que nasceu e tomou aquelle titulo. Se hesitar... dê-se-lhe animo. E se não for possivel resolvel-o... lá temos a seu irmão, o infante D. Duarte.

— E se esse tambem não quizer? vinham outros ponderando.

— Então faz-se uma republica.

— É verdade.

— E por que não? Se o throno fica vasio... o povo é que ha de escolher. Juntâmos cortes e escolhe-se. Acaba-se a monarchia... mas não se acaba a nação. Antes isso que um rei vindo de fóra.

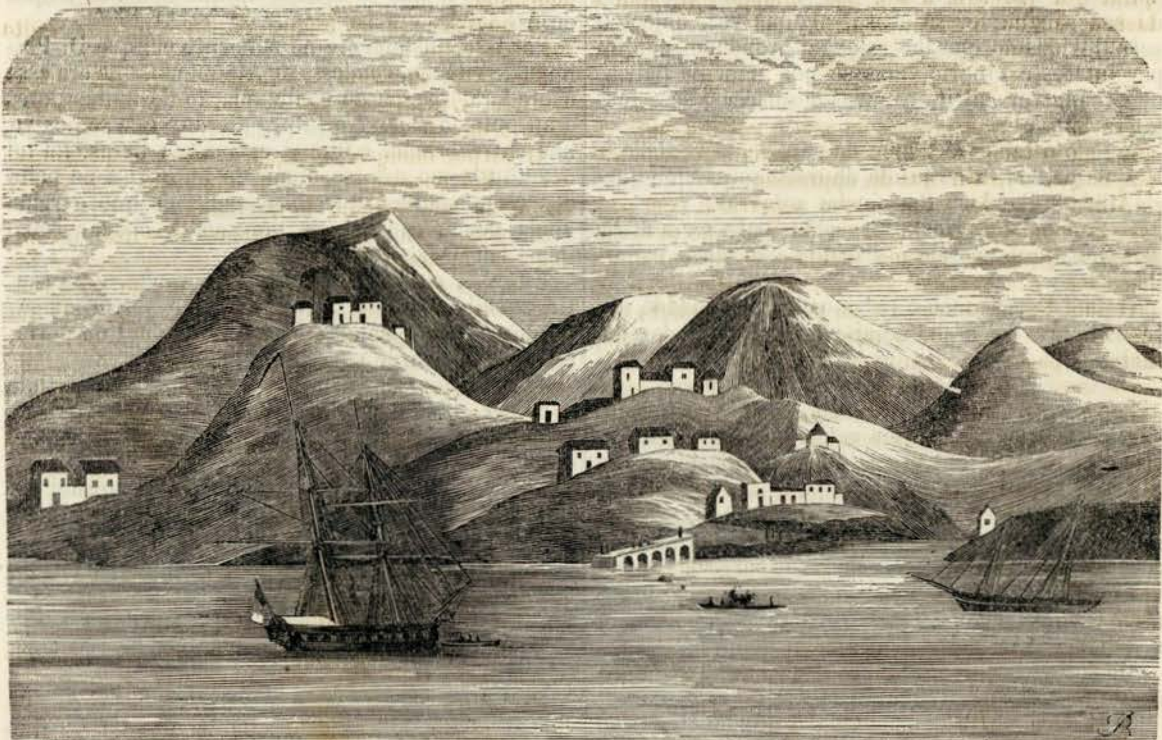
— E que entrou n'esta terra á força d'armas.

— E que não nos respeita os nossos foros, nem nada do que jurou.

— E que nos esfola em vivos, e nos come os bens da egreja.

— Não póde ser. E está dito! Ou monarcha natural, ou a nação que governe, que o seu direito é melhor. Haja, então, uma republica.

D'esta linguagem, tão lhana, d'este arbitrio, tão sensato, e tão de accordo com as tendencias do caracter portuguez, vê-se que a aristocracia, surdindo do seu marasmo, recobrava aquelle espirito que obrigou um dos seus membros, o quinto senhor da Trofa, a arremeçar-se a cavallo da ponte a baixo, em



Mossamedes (vid. pag. 160)

Coimbra, só para não se encontrar com Philidpe II de Castella.

E tambem já se deprehende o que devia seguir-se, quando o duque D. João teimasse em não se prestar.

Elle tinha vindo a Almada; e, em conversa com alguem, que alli fôra visital-o, deplorou ardentemente a desventura geral; e, se não deu esperanças de remedio, não disse que o não houvesse. Fallou muito da patria; de si nada.

E assim continuava a incerteza. E os dias iam correndo...

Era urgente decidir. Uns poucos de fidalgos, mais activos, resolveram juntar-se, em uma tarde, para darem caminho aos seus esforços.

Fez-se a primeira reunião no palacio dos Almadas, n'uma gruta dos jardins, que ainda hoje se conserva, e que é dos melhores brazões d'essa familia leal.

Além do dono da casa, e de D. Miguel de Almeida, e de João Pinto Ribeiro, que, pela sua astuta previsão e reflectida energia, foi o principal mentor do ousado commettimento, que nos deu a liberdade, estavam o monteiro-mór, seu irmão, Jorge de Mello, e o alcaide de Mourão.

Era em outubro. A natureza vestia-se d'aquella côr desbotada em que Millevoye, já moribundo, ensopava os seus pinceis. As folhas despegavam-se das arvores ao bafo morno do outono; mas, em compensação, a flor da esperança reverdecia nas almas d'essa meia duzia de homens que dispunham alli da nossa sorte.

Durou pela noite dentro tão interessante sessão... E esta não ficou só em palavras.

Resolveu-se mandar um emissario ao duque, a Villa-Viçosa; e todos porfiavam em que fosse quem, por muitas razões, devia ir.

Porém Pinto Ribeiro, o grande homem, que ousava metter o hombro ás maiores difficuldades, resistia, por modesto, a acceitar tamanha honra, e escusou-se allegando a intimidade que tinha em casa do principe, o que concorreria, certamente, para alli não ser ouvido com a precisa attenção.

Escolheu-se, pois, a Pedro de Mendonça, que, de caminho, foi por outras terras a sondar os influentes; e que, como chegasse ao seu destino, não pôde acabar nada com o duque, por lá ter encontrado o bispo d'Elvas que pendia o seu tanto para a Hespanha.

Retirou-se ao Mourão, por conseguinte; e escreveu para Lisboa o que passára.

Á vista d'isso, apertou-se, novamente, com João Pinto, no sentido de o mover, o que, a final, se obteve.

Partiu elle, sem demora, e depois de haver tomado as devidas precauções. Viu o duque. Deu-lhe conta da mensagem. Expoz-lhe o seu pensamento, e achou-o disposto a tudo.

E cabe aqui reparar-se a gravissima injustiça que a historia, e ainda mais a tradição, tem quasi sempre irrogado ao caracter d'este principe.

Figuraram-n'o tibio, timorato. Chgou-se até a inculcar que, a não ser a duqueza, sua esposa, que, sem cessar o incitava a reivindicar a coroa, nunca elle a cingiria!

E não era tal assim.

Conservou-se no seu posto. Não tremeu ante os perigos, a que o levava o seu principio, vinculado no seu sangue; e, se acaso, alguma vez, objectou suas duvidas ao que lhe estavam propondo, não foi por interesse proprio, mas só por amor da patria, que temia ver sujeita a novas desolações, se a tentativa falhasse.

A todo o tempo é tempo de se dizer a verdade.

Á despedida, e no jubilo de conseguir o que queria, dirigiu-lhe João Pinto estas palavras:

— Senhor! está Vossa Magestade para ser o nosso rei. Deixe que eu seja o primeiro que possa beijar-lhe a mão.

O duque suspendeu-o entre os braços, quando elle se inclinava em acção de ajoelhar, e respondeu-lhe sorrindo:

— Não compremos a couve antes da vacca.

E provavel que a phrase não agrade a quem andar afeito a ouvir aos reis mais elevados conceitos. O povo, que prefere o que é singelo, gostou d'ella e decorou-a.

Com a vinda de João Pinto, que voltou, em dez dias, a Lisboa, e com as boas novas que trazia, entrou em andamento regular e ganhou corpo o negocio.

Em quanto os Dioclecianos dormiam ao som dos ais e soluços dos martyres, preparava-se no escuro e no silencio da noite a obra da redempção.

Mais alguns dias ainda, ainda uma nova demão... e estaria concluida!

Depois de um maduro exame sobre qual sería o ponto em que se havia de dar o golpe primordial, resolveu-se que fosse no mais alto.

Era vibral-o á cabeça; ir logo direito ao paço, onde vivia a regente, com Miguel de Vasconcellos e com o marquez de La Puebla, e d'onde se expediriam as ordens para o castello, que se suppunha forte e inexpugnavel, pela guarnição que tinha, e, sobretudo, havendo pouca gente para o poder assaltar.

E esta reflexão da exiguidade das forças, de que dispunhamos, em relação ás contrarias, não deixou de actuar, por um momento, no espirito de alguns dos conjurados... Porém foi uma nuvem que passou.

Si Deus pro nobis, qui contra nos?

Quem se havia de oppor a um povo inteiro, quando elle se queria libertar?

Portanto, avisou-se o duque para hastear, no Alemtejo, a bandeira nacional, ao mesmo tempo que se fizesse a acclamação em Lisboa.

Nas duas noites, que precederam esse dia inspirado, foi um lidar incessante... Distribuir postos, aprestar armas, arrolar gente...

A ultima caíu em sexta feira. Era a 30 de novembro; e por volta das dez horas, n'uma sala, vasta e alta, do palacio dos condes de Athouguia, alumiada por um brandão, posto em cima do bufete, e cujo clarão incerto, batendo nos retratos de familia que vestiam as paredes, parecia dar-lhes vida e evocal-os para virem tomar parte n'aquelle empenho sagrado de resgatar a patria, que foi sua, estavam juntos uns trinta cavalleiros, e, entre elles, duas damas, da mesma edade talvez, e, uma e outra, distinguindo-se por esse indefinivel privilegio que anda annexo a certas raças, esse ar de singela elevação, que, quando exprime a alliança da nobreza do sangue com a d'alma, faz da mulher o prototypo do que ha, na creação, de mais sublime.

A de preto, viuva, ao que mostrava, e, de certo, senhora do palacio, era a que tomára a mão.

Oh! e como ella fallava! como todos lhe pendiam, sem o sentirem, dos labios d'onde o amor da liberdade lhe golphava em apostrophes electricas!

Quando o coração abunda, a palavra sáe facil e espontanea. E a eloquencia da natureza, trasbordando dos preceitos com que a quizeram coarctar, póde mais n'uma só syllaba do que todos os tropos de Aristoteles.

Por isso, justamente no momento em que D. Philippa de Vilhena, condessa de Athouguia, que era essa a oradora, passou da contemplação de tantas dores e affrontas a saudar o futuro glorioso que se nos vinha entreabrindo, e que já estava por horas, foi tal o enthusiasmo que se ateou de improviso no peito dos circunstantes, que, esquecidos de que o reino ainda gemia captivo, se pozeram a clamar como quasi em um delirio!

Entrava, então, D. Carlos de Noronha, e ao sentir aquelle estrepito... ao principio perturbou-se; depois, ficou espantado. Parou no umbral da porta, e disse em tom de conselho:

— Pelo amor de Deus, senhores! que deitam tudo a perder. D'aqui ao dia váe muito; e o terreiro do paço não fica longe. Não sabem que as paredes tem ouvidos?

— Pois, meu primo... paciencia; redarguiu D. Philippa, interrompendo o silencio, em que aquella advertencia fizera descair a assembléa

Já agora, proseguiu ella com risonha placidez, o que póde acontecer? Se a ronda passar na rua... e pretender entrar cá... não se espera pela hora. Começa a briga mais cedo. O que tem de ser logo, seja já.

D. Carlos chegou-se á dama; beijou-lhe a mão com respeito, e jurou-lhe de expiar as palavras que dissera, disputando a preferencia, quando fosse occasião, na tomada do palacio, e na prisão da regente.

Por tal fieira passava, n'essa epocha de brios, o melindre de um fidalgo!

Dado, por fim, o recado, de que Pinto Ribeiro o incumbíra, e, sciente cada qual do que tinha a executar, despediram-se elle e os outros, com exhortações reciprocas, e sairam, pouco a pouco, pela porta do jardim, e por um postigo escuso, que deitava para o beco.

Ficaram sós as senhoras.

— Tu não ceias commigo, Marianna? perguntou D. Philippa.

— Eu não, condessa. Hoje, não. E que vontade hei de eu ter?

— O que? pois estás...

— Com cuidado? Estou. Confesso-t'o. Em quanto a gente não sabe como isto sairá.

— Nada de sustos. Verás n'um abrir e fechar d'olhos...

— Deus te ouça, filha!

— Ha de ouvir. É pormos n'Elle a nossa confiança.

— E pedirmos-lh'o, tambem. Qual é a nossa arma? A oração, já que não nos é dado usar de outras...

— É verdade. E que pena, Marianna!

— Dizes bem. Se nós podessemos...

— Oh! se eu me via com uma espada... Com que furia entrava logo por aquelle paço dentro... E se alguem se me oppozesse... Nem falles n'isso, condessa, minha querida Marianna.

— Não importa. Deixa estar. Eu tenho cá uma idéa.

— O que é? dize depressa.

— Não cuides que ando pensando em me metter no combate. Não póde ser, bem o sei. O nosso estado prohibe-o. Nada, não. É outra coisa.

— Ora ia apostar, que é o mesmo que trago no pensamento?...

— Olha. Digo-t'o a ti só... Uma vez que lá não vou... quero dar alguem por mim.

— E a quem mais amas no mundo... não é assim, minha condessa? Logo vi que adivinhava. É tal qual o que eu faço.

— Tu! devéras!

— Sempre tive essa tenção.

— Ainda bem. Até n'isso nos parecemos. E que mais se póde offerecer pela causa da nação? O sangue do nosso sangue!... Elle é de tremer, condessa!

— Muita fé. E, em fim, se for necessario...

— Ai! não digas...

— Antes mortos do que escravos.

— Coração de portugueza!

E por um commum impulso se apertaram, uma á outra, contra o peito, que anciava, em quanto que as suas almas adejavam, confundidas, pelas regiões mais limpidas da abnegação humana.

Ambas ellas eram mães. Ambas iam resignar-se a depor no altar da patria os seus affectos mais puros! Se fosse a sua propria vida que arriscassem, não seria tamanho o sacrificio.

A que não era viuva, e que tem de occupar, para o diante, uma pagina honrosa n'este livro, foi a primeira a soltar-se d'aquelle expressivo abraço, que, ao mesmo tempo, lhe dava e lhe tirava o valor, e disse com decisão:

— Adeus. Eu vou-me embora... que isto é tarde. Olha... lá dão quatro horas. D'aqui a pouco amanhece.

— Não; tão cedo ainda não. Mas como o tempo passou!...

A condessa de Athouguia deu a mão á sua amiga, para a conduzir ao pateo, onde a esperava um escudeiro, de provada lealdade; e foi pôr-se a uma janella a ver se havia encontro na saida; e espreitou, e escutou attentamente, até que o som dos passos se perdeu no silencio imperturbavel em que jazia a cidade.

A cidade! Talvez nem ella sonhasse que em breve despertaria, para saudar o sol da liberdade!

E parece que o horisonte se dispunha a deixal-o apparecer na sua esplendida pompa. As nuvens foram-se adelgaçando. A viração dissipou-as; e as estrellas luziam em myriades.

D. Philippa ficou no mesmo sitio onde estava. Sentia-se impressionada pela augusta magestade da solidão e da noite. E entretanto que contava, avidamente, os minutos, parecia-lhe que os astros eram letras, em que lia a sentença cabalistica dos destinos da nação!

N'isto bateram seis horas. E já despontava, então, um clarão esbranquiçado dos montes da Outra-banda.

Era o dia! o dia em que o velho Portugal havia, ou de arrombar o jazigo e dizer que resurgira aos quatro ventos da terra, ou de erguer-se, frio e inanime, á imitação do cadaver sob a pilha de Galvani, e cair outra vez, e para sempre.

A dama dirigiu-se ao oratorio. Mandou ahi chamar o capellão, e disse que acordassem os seus filhos, D. Jeronymo Athaide e D. Francisco Coutinho, ambos elles ainda imberbes; e, em quanto que os aguardava, abriu, ao acaso, um livro, e poz-se a ler o que achou. Era a *Escriptura Sagrada;* e acertou com a passagem da morte dos Machabeus. Notavel coincidencia! Não seria o Senhor que lhe enviára aquelle assombroso exemplo de fortaleza materna, da mesma fórma que destinára que, por bocca do apostolo, n'uma epistola aos romanos, competissem á missa d'esse dia estas palavras tão proprias: *Fratres, hora est jam nos de somno surgere?*

Findo o santo sacrificio da missa, durante o qual commungaram a condessa e os dois jovens, levou-os ella então a uma sala, que sempre estava fechada, e onde havia os precisos utensilios para o uso militar. Cerrou a porta, e fallou-lhes pela maneira seguinte:

— Os meus filhos não se lembram do que eu lhes tenho contado do que era o nosso reino, quando não estava sujeito ao jugo dos castelhanos?...

— Lembrâmos, sim, minha mãe; responderam elles ambos.

— E tambem de eu lhes dizer que de pouco vale a vida a quem não sabe dal-a pela patria... e que não ha, n'este mundo, nada que um homem receie senão a propria deshonra?

— Tambem vol-o ouvimos sempre; acudiu o mais moço reflectindo.

— Nem nós, ajuntou o outro, seriamos capazes de o esquecer.

— Estamos para o ver agora; replicou D. Philippa com uma inflexão solemne.

— Pois, senhora... Então que é? — perguntaram, quasi á uma os dois irmãos Athouguias.

— É que é chegado o momento de pôr termo ao vilipendio. Portugal váe resgatar-se!... Não me interrompam, e escutem. Ha quarenta pessoas combinadas para emprehender essa obra... E os herdeiros d'esta casa, os filhos de uma Vilhena, os que tem obrigação de zelar até á ultima o seu titulo e o seu nome, não devem ficar de parte. É preciso que appareçam.

D. Jeronymo limpava a furto as lagrimas que lhe arrancava a alegria. O irmão estava absorto. Sua mãe continuou, como se em nada attentasse:

— Para o mais são crianças; para isto não o são.

— Não somos, não. E vereis.

— Já podem com uma espada...

— E já merecemos usal-a.

— Reparem bem no que dizem! Vão lá ter por testimunhas os seus eguaes e parentes... e até dois da mesma edade... o Antonio e o Fernão Telles.

— Os primos! Oh! dê-nos armas! exclamou D. Francisco em um transporte de impaciente alvoroço, peço-lh'o eu, minha mãe.

— Póde dar-nol-as, senhora, acrescentou o mais velho, n'um tom tal de segurança, que a propria D. Philippa ficou meio admirada... e talvez que lá dentro estremecesse ao notar a intrepidez que estivera provocando, porque o fervor patriotico não lhe havia empedernido o seu coração... de mãe!

Em magestosa mudez, escolheu duas espadas, as mais maneiras que achou, deu a cada qual a sua, e armou-os ella mesma cavalleiros.

A mão, que os enfaixára, tantas vezes, e ha poucos annos, no berço, era a que agora os vestia de uma armadura de ferro. Para o que, sabia-o Deus!

Esta idéa passou-lhe pelo espirito, e veiu-lhe acordar reminiscencias de uma epocha dulcissima... Porém D. Philippa afugentou-a, como a uma tentação. Estortegou dentro do peito a indomavel voz do sangue, enguliu um suspiro de saudade, que ia quasi a atraiçoal-a, e deu um beijo — embora fosse o ul-

timo! — nos entes que eram todo o seu enlevo, e

Que tão queridos tinha, e tão mimosos.

Depois, aconselhou-os d'este modo, em voz clara e imperturbavel:

— D. Jeronymo Athaide, e D. Francisco Coutinho, ouçam ambos sua mãe. A nobreza que se herda, para haver de conservar-se, é necessario illustral-a. Sois fidalgos, voltae-me heroes. A fracos não se abre a minha porta. Estou como a lacedemonia, quando ao dar o escudo ao filho lhe dizia — *antes morto em cima d'elle do que deixal-o cair!* Uma coroa de martyrio vale mais do que a de conde. Se não vencerdes... morrei! Separâmo-nos na terra, mas vernos-hemos no ceo. Porque eu não resistia n'esse caso. Ia logo atraz de vós.

— E quando é que começa a nossa empreza? — disseram ambos, promptos a partir.

A dama consultou o seu relogio, e respondeu sem olhar:

— São oito horas e meia. Não se demorem. É já.

A. PEREIRA DA CUNHA.

MOSSAMEDES

A importante villa de Mossamedes, um dos mais recentes e interessantes estabelecimentos coloniaes portuguezes, está assentada ao sul de uma extensa praia arenosa, no litoral da ampla bahia ou *Angra do Negro*, como vem notada nas antigas cartas dos nossos navegadores, ou *Little fish bay* (Pequena bahia dos peixes) como a denominam os inglezes nos seus roteiros, em 15 gráos e 12 minutos de latitude sul, e 21 gráos e 11 minutos de longitude, na costa occidental da Africa, distando de Benguella 177 milhas maritimas, proximamente 354 kilometros, e 390 milhas ou 780 kilometros de S. Paulo da Assumpção de Loanda, capital de todas as nossas possessões na mesma costa [1].

Já no seculo XVII a Angra do Negro era mui visitada de navios portuguezes, e ainda mais de corsarios estrangeiros: uns e outros, porém, sómente a procuravam, ou para refrescar e fazer aguada, ou por ser ponto azado ás especulações de escravatura.

Exploração regular, ou sequer exame, ainda mesmo perfunctorio, do local e suas condições geologicas e hygienicas não se tinha feito, até que em agosto de 1785, por ordem do capitão general barão de Mossamedes, alli se dirigiu para tal fim a fragata *Loanda*, a bordo da qual ia o tenente coronel Luiz Candido Cordeiro Pinheiro Furtado, a quem se commettêra a direcção dos respectivos trabalhos; em harmonia com a expedição naval marchára por terra o sargento-mór Gregorio José Mendes, á frente de cerca de 1:000 negros molundos.

O modo como Furtado se desempenhou da melindrosa commissão que lhe fôra encarregada, consta de documentos authenticos existentes no archivo da secretaria da marinha e ultramar. Mas, em despeito das informações mui favoraveis dadas por sujeito de tanta capacidade e competencia, apesar do empenho com que sollicitára a erecção de um presidio em sitio que já então se lhe afigurára como tão adequado para crear uma forte colonia européa, as suas propostas foram deixadas de parte, ou por ignorancia e má fé, ou pelas vicissitudes do tempo e instabilidade da administração ultramarina.

Decorreram muitos annos, e quando porventura já se haveriam esquecido os projectos e trabalhos de Luiz Candido, segunda exploração a Mossamedes foi ordenada em 1839, pelo prudente governador, o vice-almirante Antonio Manoel de Noronha, e d'esta vez foi commettida a empreza ao estudioso capitão tenente Pedro Alexandrino da Cunha, então commandante da corveta nacional *Isabel Maria*, e depois governador geral da provincia de Angola, de saudosa e mui honrada memoria.

Ainda nos não parece bem averiguado a quem pertence ou de quem partiu a idéa inicial d'esta exploração. Antonio Joaquim Guimarães Junior, gerente da primeira feitoria que alli existiu, pertencente ao negociante Torres, de Benguella, a pretende arrogar a si em uma memoria que temos presente. [1]

Seja porém como for, o certo é que só depois de publicados os relatorios d'aquelle distincto official de marinha, de João Francisco Garcia, official do exercito provincial, que, nomeado regente do futuro presidio, auxiliára por terra os trabalhos da exploração, preparando ao mesmo tempo os indigenas a receberem com agrado os novos hospedes, e a memoria a que já alludimos, é que o governo começou de entender seriamente no plano de fundar uma povoação no local que unanimes informações apontavam como tão proprio.

Entretanto, por falta de meios do governo da metropole, e má vontade do da provincia, insignificantes foram os progressos de Mossamedes, e quasi que a colonia se reduziu por alguns annos a pequenas feitorias, alguns soldados e poucos degradados.

A dura perseguição movida aos portuguezes residentes no imperio do Brasil, mórmente em Pernambuco, veiu inesperadamente favorecer a idéa da colonisação europea, encaminhando para Mossamedes uma porção avultada de concidadãos nossos.

Em 4 de agosto de 1849 aportou de feito á bahia de Mossamedes, no brigue de guerra *Douro*, e na barca *Tentativa Feliz*, um consideravel numero de colonos: em 13 de outubro de 1850 outra expedição similhante, composta do dito brigue *Douro* e barca *Bracharense*, saiu de Pernambuco com egual destino, indo surgir, passadas poucas semanas, na nossa bahia, onde largou outra porção de compatriotas, todos inflammados no desejo de encontrar alli a fortuna, e a segurança de que haviam desesperado em terra estranha.

(Continúa) P.

ENIGMA



[1] Ensaios sobre a estatistica das possessões ultramarinas, por J. J. Lopes de Lima, liv. III, 1846, etc.

[1] *Memoria sobre a exploração ao sul de Benguella, na costa occidental, e fundação do primeiro estabelecimento commercial na bahia de Mossamedes.* Lisboa, 1842. 4.º